

Os Ciganos:

Livres, Românticos, Misteriosos

Uma visita ao povo fascinante cuja música e cuja dança passaram à nossa cultura, mas cuja vida ainda reflete a paixão pela independência que fêz d'êles uma raça à parte

Ben Lucien Burman

“OS CIGANOS eram um mistério quando vieram para a Europa há mais de 500 anos”, comentou Fernando, o meu amigo espanhol. “Hoje continuam sendo um mistério.”

Estávamos sentados num café de Xerez, no coração da Espanha meridional, vendo um trio de ciganos a dançar o *flamenco*.

Desde a meninice eu me sinto fascinado por êsse estranho povo que

há séculos vem peregrinando pelo mundo, uma raça à parte, símbolo romântico da liberdade, da vida selvagem e da paixão, constituindo suas canções e danças inspiração para as obras de alguns dos nossos grandes compositores. Quando surgiram pela primeira vez no Ocidente êles se davam o nome de egípcios; no entanto, analogias na linguagem e nas danças mostram que êles vieram da Índia. Em razão da vida nômade que



levam ninguém pode dizer ao certo quantos são. Na Europa, vim a saber, êles ainda ganham a vida como latoeiros e cesteiros ambulantes, vendedores de cavalos e de ferro velho, ledores da buena-dicha, músicos e dançarinos.

Aqui na Espanha a maioria dos *gitanos*, como cá dizem, deixaram de ser nômades e se fixaram nas cidades. Mas mesmo êstes no seu íntimo têm saudade dos tempos em que viviam pelas estradas.

—A vida dêles é a dança—disse Fernando ao sairmos do café.—Dançam de dia ou de noite, dormindo ou acordados, sem precisarem de pretexto. Você verá por si mesmo.

Fomos andando por uma rua mal iluminada do bairro cigano, silenciosa e êrma, pois já passava bastante da meia-noite e não se via nenhuma luz através das espêssas paredes das casas. Mas em frente ao portão de uma delas estava uma robusta cigana de cabelos negros, tomando a fresca, pois a noite estava excessivamente quente e abafada. Olhou para Fernando meio desconfiada quando êle lhe perguntou pela casa de um conhecido; depois, como êle começasse a usar o dialeto cigano local, a mulher mostrou-se alegre e insistiu conosco para que entrássemos. Daí a um momento estávamos sentados no minúsculo pátio da casa, tomando chá e comendo almôndegas. Não tardaram a vir outros da família ao nosso



encontro—o filho, rapaz alto e esguio, envergando uma jaqueta muita justa, e várias mocinhas graciosas, estremunhadas e com uma bela tez azeitonada. Elas deixaram-se ficar por ali, tímidamente, como corças recém-acordadas.

Sem que ninguém dissesse uma palavra o filho foi buscar um violão e pôs-se a tocar um *flamenco*.

As môças começaram a dançar, primeiro lentamente, depois cada vez mais depressa. Apareceram luzes nas casas vizinhas, e daí a pouco homens e mulheres foram entrando pelo portão como sombras noturnas. À medida que se iam juntando em círculo, batendo as mãos em ritmo hipnótico, a dança tornava-se mais viva. Outro violinista tomou o lugar do filho e mais dançarinas foram reunir-se às suas irmãs. O pátiozinho ficou repleto, pois cada vez chegavam mais ciganos, alguns ainda ajustando as roupas, apressados para não perderem sequer um momento da festa.

O filho desapareceu e voltou com um cêsto cheio de mais almôndegas e lagostins, considerados um petisco.

—Quando os ciganos não têm dinheiro, cantam e dançam—disse o meu amigo Fernando, trincando um lagostim.—Quando têm dinheiro, comem, cantam e dançam.

Eram três horas da manhã quando partimos. A julgar pelas caras alegres que tínhamos diante de nós, a festa estava apenas começando.

Nos dias que se seguiram passei de carro com Fernando, descobrindo mais coisas dos costumes ciganos. Embora dados à alegria e ao riso, êles são, ao que me contaram, naturalmente devotos; em cada país onde se estabeleceram adotaram a fé dos respectivos habitantes. Na Espanha e na França são católicos; na Inglaterra são anglicanos.

Contrariamente à impressão geral, êles têm um código de costumes rigoroso, quase puritano, com severos castigos para os seus infratores. Quando um vagabundo na estrada comete um crime, logo deitam a culpa num cigano. No entanto, a polícia é a primeira a dizer que crime sério entre êles é coisa rara. Todavia, como acontece com todos os povos isolados devido a diferença racial, êles têm sido obrigados em muitos casos a viver de expedientes. Seus ardis em barganhas de cavalos são proverbiais.

Próximo de Xerez, eu e Fernando encontramos um gitano seu conhecido—um homem tão cheio de manhas, disse êle, que os outros ciganos o chamavam *El Zorro*, o Rapôsa.

—Os cavalos estão ficando cada vez mais raros—queixou-se o Rapôsa.—Agora, em vez de cavalos, temos de traficar com automóveis.

—No fim dá na mesma—tornou Fernando.—Os ciganos se mostram tão espertos negociando com automóveis como o eram traficando com cavalos. São capazes de pegar um velho Volskwagen alemão e um Austin inglês, e fazer um Cadillac.

Quando partimos de Xerez para

Granada, o Rapôsa nos acompanhou como passageiro durante uma parte do caminho. Viajamos acompanhando o litoral tortuoso até que vimos erguer-se à nossa frente, como lúgubre monumento, o grande rochedo de Gibraltar. O Rapôsa falou-nos do contrabando que há na fronteira.

—Tenho aqui um amigo cigano que queria introduzir clandestinamente dois porcos que matara. Colocou os porcos sentados no banco de trás do seu carro e arrumou-os convenientemente com chapéu, camisa e gravata. Quando a polícia espanhola examinou o interior do automóvel, o cigano disse que eram dois amigos que haviam bebido um pouco demais. Os guardas deram o sinal para passar, o veículo atravessou a barreira, e o cigano ouviu um dos guardas dizer ao outro: “Aquêles sujeitos do banco de trás eram muito estranhos. Tinham cara de porco.”

Em Granada fui com Fernando ao Sacromonte, o grande morro cheio de cavernas à beira da cidade, onde os ciganos vivem há séculos. Era um espetáculo fascinante, uma espécie de formigueiro aberto no monte para mostrar a vida fervilhante no interior. Ali, em pequenos cubículos que à distância pareciam buracos num queijo, moravam 3.000 ciganos. No nível mais baixo estavam as cavernas das dançarinas ricas. Seus “apartamentos” eram luxuosos: dois ou três quartos, providos de luz elétrica, rádios, refrigeradores, e nos quartos maiores filas de cadeiras onde os turis-

tas se sentavam para ver o *flamenco*.

Seguimos por uma senda sinuosa que ia montanha acima, na parte mais humilde. Em algumas grutas, barbeiros loquazes faziam a barba de ciganos operários; em mercearias cavadas na montanha, mulheres enrugadas, de xale e brincos, compravam grão-de-bico para fazer sopa. Aqui e ali, numa caverna que servia de bar, de mísero aspecto, ciganos e ciganas divertiam-se dançando.

Descemos e tornamos a passar pelo "bulevar das cavernas", com suas entradas feèricamente iluminadas.

—Dizem-me que as cavernas são maravilhosas—observou Fernando. —São frescas no verão e quentes no inverno. Aqui sai mais caro comprar ou alugar uma caverna do que um bom apartamento.

Visitamos as colônias de gitanos de Córdova e Madri. Os ciganos nem sempre moram num bairro separado, mas muitas vèzes ficam espalhados pela cidade, pois na Espanha sua posição social é elevada. Seu traje é exatamente igual ao dos espanhóis, mas quando o viajante vê um homem ou uma mulher de formosa pele escura, olhos doces parecidos com os de um gamo e porte soberbo, sabe que tem diante de si um cigano ou uma cigana.

As mulheres de mais idade são de grande importância numa família, gozando de enorme respeito as mais velhas, que têm a denominação de "defumadas" por causa do trigueiro da tez; quanto mais rugas têm mais

profunda a sua sabedoria. Os ricos ajudam sempre os pobres. Se um cigano tem fome, a única coisa que tem de fazer é ir à casa ou ao carro-habitação de qualquer de seus companheiros e, sem dar um pio, comer com êles durante o tempo que quiser. Êle considera uma vergonha trabalhar para outrem. Trabalhará até derrear-se colhendo azeitonas, mas apenas com a condição que lhe paguem por cêsto, assim poderá trabalhar ou não conforme lhe aprouver. Porque o seu credo básico é não reconhecer nenhum senhor; o cigano deve ser livre.

Rezam as lendas que os ciganos têm o poder de predizer o futuro. Mas foi para mim uma surprêsa saber que êles têm pouca fé na sua própria ciência quiromântica: excelentes psicólogos, êles estudam mais as feições que a mão do freguês e dizem a êste aquilo que êle deseja ouvir. Contudo, são extremamente supersticiosos e vivem aterrorizados com os *mulos*, os espíritos dos mortos. Alguns acreditam que podem "farejar" um desastre iminente e a morte. Discuti isso com Walter Starkie, o maior entendido da Europa em assuntos ciganos, quando o visitei no seu apartamento em Madri.

—Vou-lhe contar uma história—disse-me Starkie.—Você tire as suas conclusões. O conhecido ator inglês Leslie Howard veio aqui durante a Segunda Guerra Mundial e me disse que gostaria de conhecer alguns ciganos. Por isso dei uma festa. Uma das convidadas, uma cigana velha,

veio correndo ter comigo, muito pálida. “Vou-me embora”, anunciou ela. “Não fico na mesma sala com um morto. É aquêle seu convidado, o Sr. Howard. Quando olho para êle, não vejo um rosto. Vejo apenas uma caveira.” Dois dias depois . . . Lembra-se da tragédia? Leslie Howard foi morto quando os alemães abateram a tiros um avião de transporte inglês.

Deixando a Espanha, atravessei os sombrios Pireneus e entrei na França. Ao longo das antigas e curiosas estradas da Provença começaram a aparecer os carros típicos dos ciganos, porquanto na França os ciganos ainda vivem como nômades, frequentando feiras e parques de diversões, vendendo seus panos de linho e vassouras que êles mesmos fabricam, lendo a buena-dicha e de vez em quando exibindo um macaco ou um urso amestrado.

Visitei os caminhantes perto de Tolosa, onde, como em tantas outras partes da França, êles tinham sido heróis da Resistência francesa. Ali fiquei conhecendo o *pateran*—como, com pedacinhos de palha enrolada que, sem dar na vista, deixa cair no caminho, um cigano pode mostrar o seu rumo certo a qualquer amigo que o está seguindo. Examinei o “jornal nas árvores”—outros pedacinhos de palha e de erva que êles amarram nos ramos para contar aos seus compatriotas que passam os hábitos íntimos da localidade. Hoje o sinal cigano indicador de uma aldeia ou granja pouco favorável é o cír-

culo atravessado por uma barra—familiar a todos os automobilistas da Europa como o sinal de “estacionamento proibido”.

Numa clareira situada perto de Lião detive-me numa tenda listrada de verde, sentei-me sôbre magníficas almofadas orientais e bebi chá com uma família de ciganos russos.

—Papai estêve na América uma vez—observou a filha.—Muitas vezes êle nos fala dêsse tempo.

O velho, chamado Zanco, acenou com a cabeça prateada.

—Estive na capital do seu país, na cidade que vocês chamam Nova York. Isso foi quando eu era muito novo, tendo talvez umas 20 primaveras, e agora tenho mais de 70. Cheguei àquela grande cidade de Nova York e, como não sabia falar a língua de vocês, mandei imprimir alguns cartões que diziam em inglês: “Eu, Zanco, sou um excelente funileiro.” E levei um daqueles cartões a um grande hotel chamado Waldorf-Astoria. E um homem alto de olhos ferozes apontou para uma grande pilha de panelas e caçarolas na cozinha e disse: “Conserte aquilo.” Eu consertei e fui a outros hotéis onde havia outras pilhas de panelas e caçarolas, e consertei essas também. Nova York é uma bela cidade. Tem muitas panelas e caçarolas.

De um outro carro de ciganos próximo veio o som de um violino que tocava uma rapsódia cigana, a qual terminava numa perfeita imitação do gorjeio de um pássaro. A nossa conversa voltou-se para a música.

—O cigano conhece a verdadeira magia da música—declarou Zanco. —Pode imitar todos os sons que ouve na natureza, o ribombo do trovão e o murmúrio da água, o silvo das serpentes e o regougo de uma rapôsa. O cigano é capaz de se levantar da cama quando ouve o rouxinol e nas cordas do seu violino acompanhar o canto do pássaro. E êste sempre responde. Com sua música os ciganos e as aves conversam.

Despedi-me dos ciganos latinos e voei para Londres. Com um irlandês curtido pelo tempo chamado Dennis, que consagrara sua vida aos nômades inglêses, atravessei em veículo as onduladas colinas de Kent e, junto a uma casa de quinta coberta de côlmo, apeei-me do carro e pus-me a andar por uma estreita vereda.

—Agora você vai ver os verdadeiros ciganos do campo—disse Dennis. —Êles são muito diferentes daqueles citadinos refinados que você tem encontrado. E verá bonitos carros-habitações dêles junto à água corrente e ciganas a dançar em cima de uma tábua.

A vereda ia ter a um sombrio bosque. Dennis deu um assobio—um sinal agudo e suave que alcançava muito longe. De repente, rodeando uma moita, surgiu um homem baixo e atarracado, com o cabelo vermelho como fogo. O recém-chegado cumprimentou jovialmente o meu amigo e nos conduziu a uma clareira onde uma rosada mulher estava fazendo o jantar em uma fogueira, auxiliada por duas môças de uma

formosura pouco comum mesmo em ciganas. Muito próximo estava o carro-habitação da família, um veículo imponente pintado de verde e dourado, com cortinas salpicadas de vermelho nas janelas.

Anuindo ao convite do cigano, que tinha o nome de Smith, sentamo-nos no chão para tomar parte no jantar que consistia numa espécie de refogado de carne. Examinei a família que via ao redor de mim. À exceção do cabelo vermelho do pai, todos os demais tinham traços tipicamente ciganos, mas o seu modo de falar é que era surpreendente. Tinham vivido durante tantas gerações na Inglaterra que falavam um perfeito dialeto londrino.

—É pena que o cozido não tenha carne de ouriço-cacheiro—disse o nosso anfitrião.—Ouriço é a melhor comida que temos, nós ciganos.

A reconhecida Sr.^a Smith, cujo primeiro nome era Britannia, pôs um avantajado naco na minha tigela.

—Coma bem meu caro—disse ela. —Êsse refogado leva fôrça de cigano. A última vez que comemos ouriço foi quando voltamos do entêrro de minha tia Sarah. Meu caro, aquilo é que foi entêrro, só se o senhor visse! Comparecemos centenas de nós, ciganos, carros e gente andando quase uma milha. O caixão era como uma Bíblia. Quem levantasse a capa da Bíblia estava erguendo a tampa, e lá dentro se achava Sarah deitada com tamanho sossêgo! Quando eu morrer, espero ter um caixão como aquêle.

Chegava nesse momento o filho da

família, um jovem simpático de talvez 24 anos, trazendo consigo um canzarrão castanho.

—Não vá a um acampamento cigano quando não houver ninguém por perto—advertiu-me o meu anfitrião.—Os cães lhe darão que fazer. O cão de um cigano tem uma criação diferente. Êle deixa o homem entrar no seu carro-habitação para roubar, mas depois o fila pela perna até chegarmos e darmos com o ladrão. Dêsse modo ficamos sabendo quem nos anda molestando.

—Aqui na Inglaterra o povo não nos importuna demasiado—disse a Sr.^a Smith.—Muitos inglêses casam com môças ciganas. Algumas daquelas criaturas extravagantes que trazem antes do nome o título de Sir ou de Lorde.

—Meu irmão casou com uma inglêsa—disse Smith.—A môça tinha muito dinheiro e uma bela casa. Mas dentro de um mês êle estava de novo na estrada. Disse que a casa tinha muita corrente de ar.

Quando acabamos de comer, o meu amigo irlandês falou algumas palavras à nossa anfitriã. Ela voltou-se para mim.

—Esta noite não podemos dançar, meu amigo. O senhor vá à colheita de lúpulo na próxima semana em Hampshire. Haverá ciganos de tôdas as partes da Inglaterra. E o senhor verá o bailado em cima da tábua como nunca viu antes.

Segui o conselho e na semana seguinte parti com Dennis para o verde sul da Inglaterra.

Chegamos já tarde ao acampamento dos colhedores de lúpulo—um espetáculo que difficilmente se me afigurou possível existir igual. Era como se eu estivesse olhando para uma empoeirada pintura da vida, um século atrás. Havia ali talvez uma centena de carros-habitações formando um círculo irregular, carros azuis e vermelhos, listrados e enxadrezados, com lavôres dourados e prateados. À frente de cada um dêles ardia uma fogueira, com uma gitana a cuidar da panela de ferro enegrecida que chiava sôbre as chamas. Por um momento tive a impressão de ser o ianque de Connecticut transplantado para a côrte do Rei Artur. Sòmente o sibilo de um avião a jacto por cima da minha cabeça me trouxe de volta à realidade do presente.

Sentamo-nos ao lado do carro-habitação dos Smiths, e a Sr.^a Smith virou-se para o marido.

—Arranje uma tábua, querido—disse ela.—Está na hora de começarmos a dança.

Smith trouxe de dentro do carro uma prancha de meio metro de comprimento por 30 centímetros de largura, e colocou-a cuidadosamente no chão. Um homem veio de um outro carro, trazendo não um violão ou um acordeão, como eu esperava, mas um enorme gramofone antiquado com uma trompa que tinha a forma de uma colossal flor roxa.

—Vamos, comece a música meu caro—disse Britannia.

Tive um novo abalo: a toada era irlandesa, e Britannia pulou para

cima da tábua e principiou a dançar uma jiga irlandesa.

Era, porém, a mais estranha jiga que eu já tinha visto, uma mistura de irlandês e alguma dança bárbara do Oriente. E todos os ciganos reunidos em redor batiam palmas num ritmo sonolento, como tinham batido para as dançarinas em Xerez, Sevilha e Lião.

Uma nova toada irlandesa sucedeu à primeira, e Britannia foi substituída por sua filha mais velha. Outras môças e homens seguiram-se com rapidez. Embora a música não mudasse, tôdas as danças agora eram

ciganas, as danças da Espanha, da România, da Hungria e das outras regiões longínquas por onde tinham vagado os antepassados daqueles nômades. A dança era a narração dramática da vida dêles, da sua calma, da sua paixão selvática, do seu riso e da sua tragédia. Enquanto eu os observava, os seus sêres inteiros se transfiguravam; havia uma luz no rosto dêles como a que ilumina os crentes diante de um relicário.

Deixamos a dança e voltamos de automóvel para Londres. O meu amigo espanhol, Don Fernando, tinha razão. Os ciganos ainda são um mistério.



Frases Pitorescas

Primeiras impressões: Êle falou durante uma hora sem dizer sôbre que assunto falava (Clyde Moore, em *Ohio State Journal*) . . . Se êle tem alguma idéia na cabeça, está prêsa em solitária (Tom Pease)

Conversa fiada: Ir a uma festa com a própria espôsa é como ir pescar com o fiscal de caça e pesca . . . A variedade dá os temperos da vida, mas é a monotonia que fornece os gêneros (Noel Weal, em *The Lion*) . . . Pastor à congregação: “Eu sempre disse que os pobres eram bem-vindos a esta igreja, e pela coleta verifico que êles compareceram.” (Quote)

Diversos: O que há de bom em ser adolescente hoje em dia é que basta pegar qualquer revista para ver confirmadas as desconfianças que se tinha em relação aos próprios pais (Fletcher Knebel) . . . Não há nada que deprecie mais depressa um carro do que um vizinho comprar um carro novo (*Changing Times*) . . . O mal é que o carro de amanhã está sendo conduzido na estrada de ontem pelo motorista de hoje (Gordon Gammade, em *Tribune* de Des Moines) . . . Há dois tipos de estradas de rodagem—as que não prestam e as que se acham em construção (Franklin Jones, em *The Saturday Evening Post*)